

O EROS PLATÔNICO COMO VIA UNITIVA DO HOMEM AO UNO EM PLOTINO

THE PLATONIC EROS AS MAN'S UNITIVE WAY TO ONE IN PLOTINUS

Gabriel da Silva Torres¹

Prof. Dr. Paulo Cesar Delboni²

RESUMO: O presente trabalho pretende, através de uma pesquisa teórica, elucidar a concepção de Platão sobre o Eros, bem como se debruçar sobre o tema do Uno em Plotino. A partir da análise de ambos os temas, é possível associá-los, demonstrando como Eros pode ser um itinerário do homem rumo a união com o Uno. Em uma de suas obras mais notórias, *O Banquete*, Platão discorre a respeito do Eros, esclarecendo suas características, natureza e origem. Eros é compreendido como desejo do belo pelo homem, e este, contemplando a beleza sensível, pode alcançar aquilo que é belo por si mesmo. Plotino, um dos expoentes do neoplatonismo, dissera que o principal objetivo da existência humana é sua união com o Uno, o *Princípio Impricipiado*. Discorrera, também, sobre o Eros, incrementando à cosmovisão platônica, que este é um caminho que o homem pode recorrer a fim de alcançar esta finalidade de sua existência.

Palavras-Chave: Platão; Plotino; Eros; Uno; União.

ABSTRACT: The present work aims, through a theory search, to elucidate Plato's conception about Eros, as well as learn about the theme of One in Plotinus. From the analysis of both themes, it's possible to associate them, demonstrating how Eros can be an itinerary of men in direction to union with One. In one of his masterpieces, *Banquet*, Plato writes about Eros, clarifying his characteristics, nature and origin. Eros is comprehend as a men's desire for beauty, and men, contemplating the physical beauty, could reach the beauty in itself. Plotinus, one of the exponents of Neoplatonic thought, had said the main objective of human existence is his union with One, the Uninitiated Principle. Also expatiate about Eros, increasing to platonic's cosmovision, that this is a way for man should resort in order to reach the purpose of his existence.

Keywords: Plato; Plotinus; Eros; One; Union.

¹Graduando do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano de Vitória (UNISALES). E-mail: torresgabriel12@hotmail.com.

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Licenciado em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória (IFTAV), Mestre em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana – Roma e doutorando em Filosofia pela Universidade Católica de Santa Fe – Argentina. Fez curso de aprofundamento em Doutrina Social da Igreja pelo Instituto Teológico-pastoral para América Latina – ITEPAL – Bogotá/Colômbia. Professor do Centro Universitário Salesiano de Vitória (UNISALES). E-mail: pdelboni@salesiano.br.

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da filosofia grega até a contemporaneidade, os filósofos sempre se debruçaram sobre o princípio das coisas existentes e como este princípio poderia estar associado à sua própria existência e sua influência sobre a sua vida. Entre eles, Plotino, filósofo neoplatônico, ratificou a existência de um primeiro princípio, de onde se originaram todas as coisas, o Uno. Contudo, tal princípio, não era de ordem natural, como pensavam os pré-socráticos, e sim, metafísico e inteligível, o qual o homem deve se unir, se libertando das tensões sensíveis do mundo. Nesse viés, Plotino serve-se da concepção de Eros em Platão, a fim de que o homem possa unir-se a esse princípio primeiro.

Neste ínterim, Platão (428 a.C.), fora um dos filósofos, repleto de sabedoria, responsável por influenciar e moldar o pensamento ocidental nos mais diversos campos: político, religioso, ético, sociológico, entre outros. Nascido na cidade grega de Atenas, foi um dos filósofos mais renomados da época em que viveu, contribuindo para o desenvolvimento da filosofia de maneira radical por meio de suas descobertas (Reale, Antiseri, 1990), sobretudo no que tange à descoberta do mundo inteligível, por meio de sua “segunda navegação”³, fundando a metafísica ocidental.

Além de ter criado uma escola que propiciava a busca pela sabedoria e pela verdade, denominada “Academia”, a qual futuramente ingressou Aristóteles, concomitante foi autor de inúmeras obras filosóficas, conhecidas como diálogos, em virtude de seu caráter estrutural dialógico. Dentre estes, e um dos mais renomados e exuberantes em seu arcabouço sapiencial, encontra-se *O Banquete*, onde Platão aborda a questão de Eros. Por meio de sua mestria filosófica e literária, o filósofo de Atenas utiliza-se de textos poéticos, narrativas míticas, termos da área da medicina e de abordagens filosóficas para examinar e definir a natureza e os atributos de Eros, além de analisar essa paixão denominada “amor” num sentido metafísico: sua origem, natureza e características fundamentais. Abordando sobre um dos elementos constitutivos do Eros, Platão afirma, por meio da personagem de Sócrates, que o mesmo deriva necessariamente da imortalidade, pois Eros é desejo de possuir o bem para sempre.

Nessa esteira de pensamento, Plotino (205-270 d.C.), filósofo neoplatônico de grande renome, também versou sobre a temática do Eros. Em uma das partes de sua obra célebre, *Enéadas*, uma coleção de seus escritos filosóficos que foi compilada por Porfírio, seu discípulo mais insigne, Plotino desenvolve a questão do Eros apresentado por Platão, incrementando outros elementos ao assunto. Assim, influenciado fortemente por Platão, o autor neoplatônico compreendeu uma visão de Eros, embasada em uma visão eminentemente platônica, como um meio de união ao divino, vale dizer, um retorno da alma ao seu Criador, ao Absoluto. Esse Absoluto, portanto, para Plotino, é o próprio Uno, o princípio pelo qual todas as coisas existem, pois ele é que confere a unidade aos entes existentes. O Uno não é múltiplo, apenas o que dele procede se encontra nesse estado de multiplicidade

³ Platão se serve de uma imagem simbólica para explicar sua busca filosófica: a primeira navegação foi o desenvolvimento da filosofia sob a tutela dos filósofos naturalistas. A segunda navegação, assim, seria a filosofia sob o impulso dos estudos filosóficos pessoais de Platão.

Plotino e sua escola queriam ensinar aos homens o meio de desprender-se das amarras da vida terrena com o intuito de irem unir-se ao divino e poder contemplá-lo, até alcançarem o ponto de que ele chama de “união extática”; nesse viés, o Eros platônico se configura como uma das vias pela qual o homem pode trilhar a fim de atingir essa reconjunção com o divino, segundo descreve Reale e Antiseri (1990). Pretende-se, assim, esclarecer como a concepção platônica de Eros, isto é, do amor, serve de meio para se alcançar, segundo Plotino, a união da alma com o “princípio imprincipiado”, o Uno.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho serviu-se de uma pesquisa eminentemente teórica debruçada em livros e artigos que continham conteúdo sobre o assunto abordado, a saber, o Eros na concepção de Platão e o Uno de Plotino. Por fim, ambos os temas foram relacionados, de tal modo que coube explicar como o Eros platônico é um caminho para o homem alcançar sua união com o Uno.

A princípio, foi realizada uma leitura atenta na principal obra de Platão sobre Eros, *O Banquete*. Concomitantemente, serviu-se para fins elucidativos da obra, a leitura de comentadores e artigos que tratam, direta ou indiretamente, sobre a temática do Eros, especialmente Giovane Reale e Dario Antiseri, que com a coleção de História da Filosofia, apresentam de forma clara e precisa pontos biográficos e filosóficos do autor em questão. A partir disso, foi possível expor detalhadamente os diversos discursos presentes nesta obra de Platão, bem como explicitar os elementos característicos de Eros.

Adiante, foi realizada uma leitura mais aprofundada sobre o Uno de Plotino, haja vista a complexidade metafísica e especulativa do assunto. Para tal fim, foi utilizado a leitura de diversas obras do filósofo neoplatônico e, sobretudo, a pesquisa de diversos comentadores do assunto. Recorreu-se, novamente, a Reale e Antiseri, por meio de sua obra *Plotino e o Neoplatonismo*, que coube explicar pormenorizadamente a sua doutrina sobre as hipóstases. Além disso, foi fundamental a leitura de artigos digitais, especialmente *O Caminho Para O Uno Em Plotino*, de Álvaro Hauschild, que, com sua riqueza e precisão linguísticas foi capaz de ampliar os horizontes da presente pesquisa. A consulta da obra de Porfírio, o mais renomado discípulo de Plotino, *Vida de Plotino*, que trata sobre a vida de seu mestre, aprovou-lhe a contribuição de incrementar dados biográficos que influenciaram a vida de Plotino e, conseqüentemente, de seus escritos. Com isso, tornou-se possível a explicação sobre o Uno de Plotino, bem como sobre a doutrina das hipóstases, elucidando o caminho de processão das hipóstases até a geração do cosmos sensível, ou seja, do mundo físico e, por conseguinte, do próprio homem.

Por fim, coube associar ambos os temas, demonstrando como o Eros de Platão é uma via, apresentada pelo próprio Plotino, para que o homem possa alcançar o Uno. Para tal finalidade, foi feita novamente uma revisão sobre ambos os temas, elencando de maneira sintética, os pontos mais fundamentais sobre os temas. A análise dos artigos disponíveis em mídias digitais, associada à leitura do livro de história da filosofia de Reale e Antiseri, permitiu concatenar os temas e elucidar o objetivo final do trabalho.

3. O EROS PLATÔNICO

3.1 O BANQUETE

Platão, em um dos seus diálogos mais renomados, *O Banquete*, disserta de forma magistral, ora mítica e poética, ora filosófica e histórica, sobre Eros⁴, bem como suas origens, características e outras ponderações. Assim, faz-se necessário, antes de tudo, analisar este preciso diálogo, extraindo suas abordagens referentes ao Eros, como atesta Jaeger (1995, p.724) “Não é só na perfeição da forma que reside a beleza desta obra, mas também na maneira como nela se fundem a verdadeira paixão, o alto e puro voo da especulação e a força da própria libertação moral do Homem”.

O diálogo possui como cenário a casa de Agaton, célebre homem político daquele período, amigo de Sócrates, e conta com a participação de muitas personagens, as quais discursam sobre a temática, na seguinte ordem: Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agaton, Sócrates e Alcibíades.

Cabe ressaltar que, nos banquetes, amiúde, havia um excessivo consumo de bebidas alcoólicas por parte dos convivas, os quais comumente chegavam ao ponto da embriaguez; contudo, naquela noite todos assentiram em não se embriagar, limitando-se a beber tão só o suficiente para sentirem prazer (Platão, 2012, p.17). Erixímaco, tomando iniciativa, foi quem sugeriu a discussão do tema para a noite, como se observa:

Assim se o aprovardes, poderíamos consumir satisfatoriamente nosso tempo discursando; de fato, sugiro que cada um de nós – da esquerda para a direita – profira o mais belo discurso em louvor a Eros de que seja capaz, a começar por Fedro, que se encontra na parte superior à mesa e, ademais, é o pai do [tema da] discussão (Platão, 2012, p.18).

Desse modo, Fedro é quem começa a discursar sobre o assunto. Ele apresenta uma visão mitológica de Eros, concebendo-o como um dos deuses mais antigos e de maior veneração entre os gregos. Em seguida, Pausânias é quem dá continuidade ao tema. Também seguindo num espectro mitológico, alega que, assim como a deusa Afrodite, que não é una, também Eros não é uno, existindo, portanto, dois tipos de Eros, a saber: um comum e outro celestial⁵, sendo que cada um possui uma raiz diferente.

Pausânias recorre à moral, dizendo que uma ação, tal como beber, conversar ou cantar, não pode ser considerada nobre por si mesma, sendo que só passa a ser nobre a depender de como é realizada; assim, sendo realizada de maneira nobre e correta, se torna nobre; no entanto, se executada de maneira incorreta, tornar-se-á uma ação vil. Desse modo, pode-se aplicar a mesma ideia ao amor: em si mesmo não é nobre, mas o é apenas quando induz o homem a amar nobremente (Platão, 2012, p.25)

Após o término do discurso de Pausânias, quem prossegue com o debate é o médico, Erixímaco, o qual serve-se da explicação anterior, além dos conhecimentos

⁴ Eros, segundo Abbagnano (1992), é o mesmo que o termo “amor”. O amor, segundo Platão, é definido como: falta, desejo do belo e desejo de imortalidade.

⁵ “[...] necessariamente há também dois Eros.[...] Decerto há uma divindade mais antiga, sem mãe, filha de Urano, pelo que chamamos de Urânia (Afrodite celestial); a outra, mais jovem, é filha de Zeus e Dione, e a chamamos de Pandemos (Afrodite comum)” (Platão, 2012, p.24).

conquistados por sua profissão, a fim de exprimir mais detalhadamente seu ponto de vista.

Esse Eros é duplo é inerente à natureza humana de todos os corpos; de fato entre a saúde corpórea e a doença há uma marcante diferença ou dissimilaridade, e o que é dissimilar deseja e ama coisas dissimilares. Assim, o amor experimentado por um corpo sã é completamente distinto do experimentado por um corpo enfermo (Platão, 2012, p.33).

Para Erixímaco, portanto, o bom médico é aquele capaz de diferenciar em um determinado corpo, o amor nobre do amor ruim, que representam a cura e a doença, respectivamente, e quanto mais tiver a habilidade de fazer vicejar o amor nobre onde está carente e extirpar o amor vil onde este viceja, tanto mais será um bom médico.

Aristófanes, o comediógrafo é quem discursa em seguida. Seu discurso é marcado por um espectro mitológico, com efeito se utiliza de um mito a fim de explicar sobre a origem do homem, antes de discorrer propriamente de Eros. Assim, Aristófanes é responsável por dar voz a um dos mitos mais notórios da extensa obra platônica, a saber, o mito dos *andróginos*. O mito relata que no início da história humana não havia somente dois tipos de seres humanos, macho e fêmea, e sim três tipos, em que o terceiro, denominado como *andrógino*, era constituído de porções iguais dos outros dois tipos. Como era um ser dotado de demasiada força, decidiram atacar os deuses no Céu e, conseqüentemente, a empreitada se encerrou em um fracasso. Mediante isso, Zeus, o deus supremo da mitologia grega, decidiu, como forma de punição, dividi-lo ao meio, formando assim, homem e mulher e, dessa forma, cada metade passou a sentir falta da outra metade, procurando, para sanar tal sentimento, encontrar a parte que lhe falta. Em suma, o desejo que o homem tem de se unir ao objeto amado é o que se chama Eros.

3.2 EROS COMO CARÊNCIA

Após o término do discurso de Agaton, Sócrates⁶ é quem continua o debate, sendo o último a apresentar a colocação. Como afirma Silva (2022, p. 69) “o ponto de partida de análise socrática é uma crítica ao modelo elogioso que os antecessores realizaram ao amor”. Com efeito, os seus predecessores haviam se limitado ao elogio de Eros e, portanto, não se propuseram a descobrir a sua origem e a sua essência. Sócrates, em vista disto, pretende identificar e descobrir tais características.

O filósofo grego, começa seu discurso, retornando o que fora dito por Agaton, e adota a metodologia maiêutica e, conseqüentemente, coloca-o em aporia. Sócrates, após questionar Agaton, conclui que Eros, em que no discurso feito por Agaton apresenta-se cheio de beleza e bondade, na verdade “carece de coisas belas e, como coisas boas são belas, ele também carece de coisas boas” (Platão, 2020, p.58).

O amor, na descrição de Sócrates, portanto na visão de Platão, não se identifica com aquela completude proposta no discurso de Aristófanes quando o homem encontra

⁶ Cabe ressaltar, de início, que Sócrates nos diálogos de Platão, na verdade, é o próprio Platão, como atesta Reale e Antiseri (1990). Assim, quando Sócrates está discursando, verifica-se o pensamento de Platão sobre a temática e, no presente caso, sobre Eros.

sua outra metade. Eros ama aquilo que lhe falta, e que não possui; todo amor, para Platão, supõe exatamente isso: uma escassez. Uma vez que Eros ama a bondade e a beleza, isso demonstra que elas lhe faltam. Desse modo, Sócrates rompe com todos os discursos que o precederam de maneira radical, haja vista que identifica Eros não como um deus que deve ser tributado louvores, mas sim, reconhecendo-o como um desejo do coração humano.

Eros, na concepção platônica, não é nem um Deus, muito menos um homem como atesta Reale e Antiseri (1990), ou seja, nem imortal, nem mortal. Ele é, como constatou-se Diotima⁷, um ser *daimônico*, mediador entre os deuses e os homens, levando os pedidos destes até aqueles e as ordens dos deuses até os mortais.

‘A de um grande dáimon, Sócrates, pois todo daimônico, está entre o divino e o mortal[...] interpretar e transmitir coisas humanas aos deuses e coisas divinas aos seres humanos; súplica e sacrifícios que partem daqui para o alto e ordens e dádivas que procedem do alto para cá. Estando a meio caminho, ele (dáimon) promove a suplementação recíproca, resultando em que o todo se combina em um. [...] Deuses não se misturam com seres humanos, mas o daimônico é o meio de toda associação e diálogo de seres humanos com deuses e deuses com seres humanos. [...] esses dáimons são muitos e diversificados, um deles sendo Eros.’ (Platão, 2020, p.61)

Após tal explanação, Sócrates pergunta quem são os pais desse *daimon* (Eros), ao que Diotima responde por meio de uma mitologia: Eros é filho de *Poros* e *Penia*, personificações divinas do recurso e da penúria, respectivamente. Em um determinado banquete, por ocasião do nascimento de Afrodite, deusa da beleza, eles se juntaram e conceberam a Eros; este, por sua vez, angariou características, tanto de seu pai, portador de recursos, como de sua mãe, marcada pela pobreza. Em vista disto, ao passo que, em um determinado momento, Eros viceja de vida, em outro, pelo contrário, torna-se moribundo e escasso; no entanto, devido à natureza paterna, retoma com seus recursos, e repete-se o ciclo inerente à sua natureza.

Em virtude disso, Eros jamais é pobre ou rico; se conserva a meio caminho entre a sabedoria e a ignorância, como aponta Platão (2020). A erótica platônica, ou seja, o Eros em Platão é, com efeito, desejo ardente da sabedoria por parte daquele que dela se reconhece carente, pois só Deus a tem inteiramente, e, ao mesmo tempo, daquele que está distante da ignorância, pois não deseja permanecer nela. Sobre isso, comenta Reale:

Assim, o Amor é “filó-sofo” no sentido mais denso do termo. A *sofhia*, ou seja, a sabedoria, é algo que só Deus possui; a ignorância é propriedade do que está totalmente distante da sabedoria; a “filo-sofia”, ao contrário é apanágio do que não é nem ignorante nem sábio, do que não possui saber, mas a ele aspira, do que sempre busca alcançá-lo e, tendo-o alcançado, percebe que ele lhe foge novamente para que, como amante, continue a procurá-lo (Reale, 1990, p.152)

Por isso, faz-se necessário, na concepção de Platão, a presença do sentimento de carência, ou insuficiência, por parte do homem, para que possa conquistar algum bem,

⁷ Platão serve-se da mitologia, ao mencionar que Sócrates recorreu a uma sacerdotisa de Mantinea, cujo nome é Diotima, a qual lhe explicou muitas coisas sobre a arte do Eros (Platão, 2020, p.58).

com efeito “aquele que não se julga deficiente não experimenta qualquer desejo daquilo de que não se sente deficiente” (Platão, 2020, p.63).

3.3 EROS: DESEJO DE BELEZA E DE IMORTALIDADE

Outro ponto essencial a ser elencado, a respeito da doutrina platônica sobre o amor, é o da beleza. Para o filósofo, o amor veraz é aquele que almeja o que é belo. Diotima explana a Sócrates, após este questionar qual a serventia que Eros tem para os seres humanos, que o amante de coisas boas, deseja que estas lhe pertençam e, uma vez que as possui, terá a felicidade. Assim, a felicidade brota quando o homem, ao desejar coisas boas e belas, consegue obtê-las. O amor almeja que o bom e o belo lhe pertençam para sempre (Platão, 2012, p.67).

Platão (2012) afirma que a natureza mortal busca sempre, do melhor modo que lhe é possível, ser imortal. Uma vez que Eros é compreendido como o desejo de ter coisas boas e belas para sempre, é possível demonstrar a sua ligação com o tema da imortalidade. Sócrates pergunta a Diotima como se comportam e qual é a prática daqueles que almejam Eros, e ela, por sua vez, sana sua dúvida, ao afirmar que é gerando no belo, não somente no nível corporal, mas também a nível espiritual, que os amantes de Eros se comportam. O gerar, com efeito, significa algo de duradouro e imortal entre os homens, que são mortais.

A gravidez, Sócrates, tanto do corpo, quanto da alma, afeta todos os seres humanos, e ao alcançar uma certa idade, nossa natureza anseia por dar a luz. Ora, não é possível que de a luz em algo disforme, mas somente no belo. (Platão, 2020, p.67)

Nota-se que o desejo de perpetuar o amor encaminha o homem a um processo de procriação, primeiramente à nível da matéria, isto é, de gerar um outro ser-humano. Com efeito, como observa Silva (2022), a imortalidade pode ser almejada pelo homem através da imortalidade alcançada pela permanência material, pela descendência. Assim, o desejo que o homem tem pela imortalidade é, de algum modo, sanado pela geração de outro homem. Platão afirma que a natureza mortal busca sempre, do melhor modo que lhe é possível, ser imortal, como atesta Azevedo (2021, p.45) “Eros,[...] é o instinto que permite ao homem superar a sua não-transcendência inicial e encontrar, no plano divino, a partilha da sabedoria e imortalidade a que a alma aspira”.

Não se pode dizer que alguém é semelhante de sua infância até a velhice: verifica-se que o seu aspecto físico mudou e se desenvolveu. De modo análogo, pode-se aplicar tal experiência à sua alma, pois suas paixões, desejos, sonhos, medos, nunca foram os mesmos, mas sim mudaram, ou permaneceram, com o tempo. Consolida-se tal pensamento com a frase da sacerdotisa de Mantinea:

Todo que é mortal é preservado dessa maneira, que dizer, não sendo conservado precisamente como é para sempre, como ocorre com o divino, mas pela substituição daquilo que se vai ou envelhece por algo novo que se assemelha ao velho. É graças a esse expediente, Sócrates, ela disse, que o mortal participa da imortalidade, quer no que se refere ao corpo, quer em todos os outros aspectos[...] (Platão, 2012, p.70).

Platão alega, contudo, que não ocorre somente geração à esfera material, mas sobretudo, como foi supracitado, ao âmbito espiritual e intelectual.

Os que são férteis[...] no corpo, preferem se voltar para as mulheres, expressando seu amor sexual dessa maneira e gerando filhos obtém imortalidade[...] outros, experimentam uma gravidez na alma[...] E o que lhe cabe gerar e dar à luz? Sabedoria e virtude em geral, do que são geradores todos os poetas e aqueles artífices classificados como inventivos (Platão, 2012, p.71).

Compreende-se que o amor, segundo Platão, leva o homem a trilhar as sendas da sabedoria e da virtude, ou seja, mais do que gerar filhos, o amor é desejo que conduz o homem ao campo da moralidade, tornando-o mais virtuoso e um melhor cidadão. Segundo Silva (2022, p. 78) “O amor é apresentado no fim do discurso de Diotima como o melhor e mais capaz de tornar possível a elevação do homem as mais excelentes virtudes, haja vista ser em virtude do que é em si que este⁸ busca avançar”.

Posteriormente, a sacerdotisa de Manteneia aplica sua eloquência a explicar como, por meio do amor, que é desejo pelo bem, o homem pode gradativamente alcançar a beleza em si mesma, num processo denominado *scala amoris*, (escada do amor). Primeiramente, o homem encontra um belo corpo e se afeiçoa a ele; em seguida, ele deve perceber e extrair a beleza de um outro corpo; finalmente, deve notar que a beleza é uma em ambos os corpos e, em seguida, aplica-se a desapegar de um corpo específico, para contemplar o ideal de beleza presente nos corpos. Após tal processo, é que o homem pode deixar de amar o corpóreo, para se dedicar à beleza das almas.

“[...] o resultado é ele finalmente ser constrangido a contemplar o belo tal como surge em nossas ocupações e em nossas leis e o contemplar todo unido em afinidade, de modo a avaliar a beleza dos corpos como algo de pouca importância. Depois das ocupações é conduzido aos vários ramos do conhecimento, onde igualmente lhe será permitido contemplar uma esfera de beleza, e contemplando assim o belo na multiplicidade lhe é possível fugir da servidão mesquinha e meticulosa de um caso isolado[...] munido da força e do crescimento aí conquistados, ele discerne um certo conhecimento singular que está associado a uma beleza ainda por ser revelada[...] (Platão, 2012, p.74).

Essa beleza que ainda está para ser revelada é o grande objetivo de toda a arte do amor que almeja Platão: a de contemplar aquele que é belo por si mesmo. Uma beleza que, por sua vez, não se esvai com o tempo, não altera e não muda, que não está em um lugar específico. Uma beleza a qual todos os corpos que são belos, nela participam, e assim sendo, esses estão sujeitos às mudanças e à finitude, enquanto a beleza em si mesma “não se torna maior ou menor, não sofrendo a ação de nada” (Platão, 2012, p.75).

O Eros platônico é desejo pelo belo, que é bom, e a arte da erótica é justamente o caminho que deve levar o homem, através da contemplação, a vislumbrar o que é belo por si mesmo. Platão, por meio da sábia Diotima, define tal caminho.

Realiza-se sempre uma marcha ascendente em prol desse belo superior, partido de coisa belas evidentes e empregando estas como degraus de uma escada; de um a dois, e de dois a totalidade dos corpos belos; do belo pessoal progride-se ao belo costume, e dos costumes ao belo aprendizado, e dos aprendizados finalmente ao estudo particular, que diz respeito

⁸ O homem.

exclusivamente ao belo ele mesmo; assim, no final, vem a conhecer precisamente o que é o belo. (Platão, 2012, p.75).

Os homens ao amarem o belo, na verdade estão desejando aquilo que é bom, e uma vez que possuem aquilo que é bom, são felizes. Dessa maneira, a meta final da beleza é a própria felicidade humana. Como atesta Reale e Antiseri (1990, p.153), “o amor é nostalgia do Absoluto, tensão transcendente para o mundo metaempírico, força que impulsiona para o retorno a nossa existência originária junto aos deuses”. Assim, o amor é desejo humano por algo que lhe falta: uma felicidade que se encontra associada ao divino.

4. PLOTINO E O UNO

4.1 PLOTINO, UNIDADE E AS QUALIDADES DO UNO

Plotino nasceu em Licópolis, no Egito, no ano de 205, e foi um dos expoentes do pensamento neoplatônico, o qual surgiu entre o século III e o IV. Como bem expressa Rebalde (2023, p.9) “Plotino é unanimemente considerado um dos mais influentes filósofos da antiguidade depois de Platão e Aristóteles, e é reconhecido por muitos como “a glória da filosofia antiga” e mestre de filosofia e espiritualidade”. A corrente neoplatônica, como evidencia o próprio nome, surge com inspiração na filosofia platônica, embora não seja inteiramente idêntica ao pensamento de Platão. Contudo, é necessário compreender que a intenção de Plotino, com seu projeto filosófico, fora substancialmente diferente das de seus predecessores mais renomados, como Aristóteles e o próprio Platão, como atesta Reale:

“A escola de Plotino, provavelmente, não se assemelhava a nenhuma das escolas anteriores: Platão fundara a Academia para, através da filosofia, poder formar homens que deveriam renovar o Estado; Aristóteles fundar os Perípatos para organizar a busca do saber; Pirro, Epicuro e Zenão fundaram seus movimentos espirituais para dar aos homens a ataraxia, ou seja, a paz e a tranquilidade da alma. Já a escola de Plotino queria ensinar aos homens o modo de libertarem-se da vida daqui de baixo para irem reunir-se ao divino e poder contemplá-lo[...]” (Reale, Antiseri. 1990, p.339)

O objetivo de toda a filosofia plotiniana, portanto, é esta união do homem com o divino. Ele não tinha pretensões políticas, como em Platão, que visava a formação de homens e cidadãos mais virtuosos para reformar o Estado; não desejava a reformulação do império romano a partir de pressupostos filosóficos, mas como atesta Reale (2014, p.17) “construir um oásis de paz, uma cidade feita para filósofos,[...] feita para quem desejava viver uma vida numa comunidade que tornasse possível alcançar o fim supremo, ou seja, a união com o divino”. As últimas palavras de Plotino, segundo Reale e Antiseri (1990, p.340) ratificam o supracitado: “Procurai conjugar o divino que há em vós com o divino que há no universo”

Antes de explicitar sobre a doutrina de Plotino sobre o Uno, é necessário identificar os eixos de pensamento sobre os quais giram o pensamento do autor. Em primeiro lugar, é incompreensível a filosofia de Plotino sem a distinção entre o mundo material e o mundo suprassensível; a filosofia de Plotino, nesse aspecto, é onde mais se aproxima da filosofia platônica, no qual sensível e inteligível são pilares para o desenvolvimento do pensamento posterior. O segundo eixo, ocorre na teoria das hipóstases, isto é, o

Uno, o Nous⁹ e a Alma. Em seguida, como cada uma destas hipóstases procedem uma da outra; daí, resulta o quarto eixo, onde se explica que o mundo material não é subsistente por si mesmo, mas que deriva da última hipóstase, ou seja, da Alma. O quinto eixo de Plotino se baseia na ideia de fomentar a unidade na realidade do mundo; invertendo, ineditamente, o pensamento tradicional de que o inteligível está no sensível, e afirmando que, na verdade, é o material que se encontra no imaterial, segundo Reale (2014). Por último, a estrutura mais importante do ontologismo plotiniano, partindo do pressuposto de que tudo procede do Uno, é que o homem é capaz de retornar a esse princípio incondicionado, já que dele procedeu, mesmo que de maneira indireta.

Nota-se que o Uno plotiniano é a base e o fim de todo o seu pensamento, sendo a origem e a finalidade da própria existência do homem. O Uno é o princípio de unidade de toda a realidade, e é em virtude dele que as coisas existem. Dessa forma, todo ente existente, para Plotino, só o é em função de sua unidade; uma vez que se perde a unidade, o próprio ser deixa de subsistir.

“É pelo uno que todos os seres são seres[...] O que então poderia realmente ser senão o Uno, se é verdade que, privados do Uno que é seu predicado, tais seres deixam de sê-lo? Pois não há exército, se ele não for uno, não há coro, nem rebanhos se eles não forem unos. Se é verdade que a casa é una, e o navio é uno, se essa unidade lhes for tirada deixa de haver casa e navio[...]” (Plotino, 2002, p. 115)

Todavia, poder-se-ia objetar porque a unidade não seria algo de posterior e não de anterior à matéria, haja vista que a junção dos elementos múltiplos resulta em uma unidade; sana a questão Hauschild:

“Mas esta questão nos faz voltar ao texto: quando Plotino diz que o uno é aquilo a partir do qual cada coisa individual surge, ele está tomando essa afirmação no sentido de que o uno constitui o fundamento existencial das coisas, e não é complexo, mas simples; a constituição de cada uma das coisas depende de um fundamento que é o uno, que é transcendente. Para cada coisa existir, o uno deve ser pressuposto, portanto anterior a ela. E, deste modo, a unidade é anterior à multiplicidade, e a simplicidade anterior à complexidade. (Hauschild, 2016, p. 7)

A unidade é o pressuposto para a existência dos seres físicos, portanto. Ora, tendo em vista que os seres físicos, ou seja, o cosmos, deriva da hipóstase da Alma, segue-se que a unidade dos entes físicos se origina da mesma hipóstase. Contudo, a unidade da Alma, sendo ela a terceira hipóstase, não deriva dela mesma, mas sim, da hipóstase da qual procedeu, isto é, do espírito (Nous). Aplicando o mesmo raciocínio, a segunda hipóstase (Nous) não possui a unidade nela mesma, mas a recebe do princípio que a originou diretamente, do próprio Uno.

Para buscar a origem da unidade, faz-se necessário, por conseguinte, de ir dos graus inferiores aos superiores, e assim, chegar ao princípio de toda a unidade. O homem, ao buscar o princípio das coisas, que é a unidade, é obrigado a subir do mundo físico à alma (que é a hipóstase mais baixa) e, logo, da alma (que tem, mas não é a unidade)

⁹ Embora o melhor termo a ser empregado para a segunda hipóstase seja Nous, também pode ser denominada como Espírito ou Inteligência.

ao Intelecto (que tem uma unidade mais elevada do que a da alma, mas é múltiplica também ele), e este a um princípio ulterior, absolutamente simples: o Uno, que é a hipóstase primeira, o princípio “impricipiado”, o Absoluto, como bem descreve Reale (1992).

A característica essencial do uno e, ao mesmo tempo, inédita na história da filosofia grega, é a sua infinitude. Os filósofos naturalistas¹⁰ haviam concebido o princípio das coisas, a *arqué*, como infinito, contudo, apenas no âmbito material; Plotino, o identifica infinito na dimensão imaterial. Ademais, diferentemente de Platão e Aristóteles¹¹, os quais apontavam que a infinitude era sinônimo de imperfeição, ao passo que a finitude comportava o ideal de perfeição, Plotino afirma a infinitude do Uno, como potência infinita, isto é, como infinita potência emanadora. Esclarece Hauschild:

Por ser o fundamento e o princípio existencial de todas as coisas, o uno é poder, é a realidade mais poderosa pois dele tudo depende enquanto ele só depende de si mesmo, e na medida em que traz tudo à existência ele manifesta assim o seu poder. Por esse mesmo motivo se concebe que o uno é infinito: sendo princípio de todas as formas ele não é nenhuma em particular nem é o conjunto de todas elas, portanto não é limitado; só o que for constituído por formas, por ser então composto por partes limitadas, é finito e pode ser analisável, mas o uno é simples, não é composto, portanto não pode ser analisável e é infinito. (Hauschild, 2016, p. 9)

O infinito, na concepção de Plotino, não o é na dimensão de espaço e de quantidade, mas como potência capaz de produzir inexaurivelmente; sobre isso, ratifica Reale (2014, p.46) “Uno como potência infinita significa, em suma, compreendê-lo como energia espiritual infinita e criadora (o Uno é criador de si mesmo e de todas as outras coisas[...])”.

O Uno é absolutamente transcendente, com efeito ele está acima do próprio ser, acima do pensamento e da vida. Neste ponto, Plotino ultrapassa a concepção finita que Aristóteles e Platão haviam atribuído à inteligência e ao mundo inteligível, e conseqüentemente, transpõe a transcendência do Uno a um patamar mais elevado:

Portanto, o Uno não é a Inteligência, mas está antes da Inteligência. Pois a Inteligência é algo que faz parte dos seres, mas o Uno não é algo, uma vez que está antes do algo. E o Uno também não é o Ser, pois o Ser tem, de certo modo, uma forma, que é do Ser; mas o Uno é privado de forma, mesmo de forma inteligível. Uma vez que a natureza do Uno gera todas elas, ele não é nenhuma delas. (Plotino, 2002, p. 119)

O Uno é inefável, ou seja, o homem não consegue expressar o que seja o Uno, com efeito ele está acima do pensamento e de toda linguagem humana. O homem, ao exprimir-se sobre ele, apenas consegue dizer “alguma coisa”, e não o que seja em sua totalidade. Abarcar o Uno em sua totalidade é acessível somente àqueles que, ao trilharem o processo de contemplação proposto por Plotino, alcançam a união extática com ele. Não é possível à linguagem humana expressá-lo em sua plenitude.

¹⁰ Como Anaxímenes, Anaximandro e Anaxágoras

¹¹ “[...] Forma e essência implicam para Platão, como já dissemos, finitude, peras, ou seja, limite: são e produzem de-limitação e de-terminação. Mas o Uno não poderá ser também a substância aristotélica, imóvel e separada, porque essa ousia, que é a inteligência que se pensa a si mesma, é igualmente finta e determinada.” (Reale, 2014, p. 46)

O Bem/Uno impõe limites à linguagem humana. O discurso jamais é capaz de desvelá-lo por inteiro. O homem encara essa dificuldade insuperável de dizer e compreender o Uno. Na verdade, quando se expressa sobre essa natureza transcendente, invariavelmente a diminuimos. Não se deve, pois, adicionar nada ao que é absolutamente simples, a fim de não arruinar a simplicidade do Uno, como bem esboça Baracat (2001).

Além disso, outro atributo que Plotino confere ao Uno é o Bem (*Agathon*). Não é algo que possui o bem, mas que é o próprio bem. É bem em si mesmo, e bem para as outras coisas, na medida em que estas participam nele. Sobre isso, comenta o filósofo:

“Se o Uno tivesse necessidade de algo, buscaria, é claro, deixar de ser Uno de modo que teria necessidade daquilo que o destruiria. Porém, tudo o que está na necessidade, tem necessidade do bem-estar, e daquilo que o mantém. De modo que, para o Uno, não há bem, nem vontade de algo: Ele está além do Bem, e não é o Bem para si mesmo, mas para outros, se algo for capaz de participar d’ele”. (Plotino, 2002, p.126)”

4.2 AS HIPÓSTASES

Embora o presente artigo não tenha como pretensão expor sobre a doutrina plotiniana das hipóstases, é fundamental para compreensão dele apresentar, ainda que de maneira sucinta, o tema das hipóstases. Como consta Abbagnano (1992), o termo hipóstases, designa as três substâncias do mundo suprassensível, no sistema de Plotino, a saber: o Uno, o Nous e a Alma. O Uno, como explicado anteriormente, é a primeira hipóstase, a suprema, a partir da qual derivam todas as outras, a saber: o Nous¹² e a Alma, além do mundo material¹³. Assim, é do Uno que procedem todas as hipóstases e o cosmos corpóreo.

Plotino, a fim de explicar o motivo pelo qual as coisas procedem no Uno, se serve de várias imagens que ilustram tal acontecimento. A mais popular é a da luz, na qual há uma luz central, uma fonte luminosa, que representaria o próprio Uno, de onde emana sua luz por meio de círculos consecutivos, que por sua vez seriam as demais hipóstases. Ao realizar a processão, o Uno permanece o mesmo, não perde nada, e aquilo que dele foi gerado é inferior em comparação a ele. Isso se deve ao fato, segundo Plotino, de que o Uno é composto por uma dupla atividade, a qual possibilita que ele gere sem sofrer alteração. Sobre essa dúplici operação, esclarece Reale:

“[...] a) uma está encerrada no ser b) a outra brota para fora dos ser particular de cada coisa; precisamente a) aquela que pertence ao ser é própria daquela coisa particular em ato; b) aquela que brota dele e que deve necessariamente acompanhar cada coisa é diversa daquela coisa particular. [...] Assim, existe a) uma atividade do Uno, que é aquela pela qual o Uno é Uno e “permanece” Uno, e existe b) uma atividade que deriva do uno, que é aquela pela qual do

¹² Também denominada como Intelecto ou Espírito. Contudo, a expressão Nous foi escolhida por Plotino, pois significa, justamente, pensamento ou inteligência; o termo ‘intelecto’ poderia ser fonte de ambiguidade.

¹³ Com a criação da Alma, a última hipóstase, se encerra a processão na dimensão imaterial; contudo, a partir da Alma, procede a criação do corpóreo, do físico, e, portanto, do mundo e do homem. O mundo corpóreo não pode ser contado como uma hipóstase, tendo em vista que a matéria em Plotino é um mau, não enquanto diametralmente oposta ao bem, mas porque está privada do bem, que é o imaterial.

Uno procede qualquer outra coisa diversa dele. A segunda atividade, obviamente, depende da primeira”. (Reale, Antiseri. 1994, p.342)

A respeito da segunda hipóstase, o Nous¹⁴, pode-se afirmar que procede diretamente do Uno. Como explicado anteriormente, a segunda atividade do Uno origina o Nous, e este, por sua vez, para surgir, deve realizar dois movimentos, a saber: primeiramente, deve-se voltar ao Uno, contemplá-lo e encher-se dele; e segundo, deve voltar para si mesmo e contemplar-se cheio do que acabara de adquirir do Uno. Vale salientar que a atividade procedente do Uno, ainda não é Espírito, mas sim uma “potência informe” (Reale, 2014, p.343); é somente quando tal potência volta-se para o Uno, a fim de contemplá-lo, é que extrai dele sua essência, tornando-se, assim, a segunda hipóstase, o Nous. Esse duplo movimento do Espírito, acarreta o nascimento do múltiplo, uma vez que o Espírito é incapaz de compreender o Uno em sua infinitude. Assim, “o Espírito plotiniano torna-se o Ser por excelência, o Pensamento por excelência, a Vida por excelência” (Reale, 2014, p.343); ser e pensar se coincidem na Inteligência.

A Alma, a terceira hipóstase, é originada do Nous (Espírito), da mesma forma que o Nous procede do Uno. Assim como o Uno, também o Espírito possui uma dupla atividade; exatamente em sua segunda atividade¹⁵, a qual dele procede, gera uma potência, e esta, por sua parte, volta para o Espírito para retirar sua subsistência; desse processo, se origina a Alma. Por meio da segunda hipóstase, a Alma é capaz de enxergar o Uno e, conseqüentemente, unir-se a ele¹⁶.

Diferentemente do Espírito, que consiste no puro pensar, a Alma¹⁷ é responsável por dar a vida a todas as outras coisas existentes, ou seja, de gerá-las e conferir a essas mesmas coisas, a vida. Como endossa Reale e Antiseri (1994, p.344), “A alma, portanto, é princípio de movimento e também é movimento ela mesma”.

Cabe ressaltar, por fim, que não há uma única Alma, mas sim, uma pluralidade de almas, as quais estão integradas em composto hierárquico. Primeiramente, há uma “Alma Suprema”, ou “Alma Universal”, que está em íntima união com o Espírito; em seguida, está a “Alma do Todo”, que é alma criadora do cosmos sensível¹⁸, responsável por ordená-lo e governá-lo; por fim, há as Almas particulares, responsáveis, não por criar, mas por darem vida aos corpos sensíveis, como os vegetais e o próprio homem.

¹⁴ O mundo suprassensível de Platão é, portanto, o Nous proposto por Plotino. Verifica-se novamente que o Uno plotiniano está acima do próprio Mundo das Ideias de Platão.

¹⁵ Isto é, da atividade que sai dele, diferentemente da primeira atividade, que está encerrada no seu próprio ser.

¹⁶ Segundo Reale e Antiseri (1990), a capacidade da alma em unir-se com o uno, forma um dos pilares básicos da doutrina plotiniana, pois segue-se a possibilidade dum “retorno ao uno”.

¹⁷ “Plotino introduz a alma, que funciona também como um demiurgo criador e cria o mundo corpóreo a partir de suas leis e de sua vida fluida, fornecendo um fundamento intermediário entre as formas eternas, estáticas, e a fluidez corpórea, temporal e mecânica do kósmos, o mundo sensível” (Hauschild, 2016, p.17-18)

¹⁸ Como atesta Reale e Antiseri (1994, p. 345) “A matéria não nasce da alma suprema[...], mas como dissemos, do limite extremo da Alma do universo, onde a contemplação se enfraquece, pelo menos à medida que a Alma se volta mais para si do que para o Espírito”.

4.3 O HOMEM

O homem faz parte do cosmos material, se originando a partir da terceira hipóstase, a Alma. Seu objetivo nesse mundo, isto é, seu fim supremo, é alcançar a união com o supremo, como afirma Plotino:

O nosso verdadeiro Amado está lá no alto. A ele podemos nos unir verdadeiramente, participando d'ele, possuindo-o realmente, e não apenas o envolvendo exteriormente com a nossa carne.[...] Portanto, devemos ter pressa de sair daqui e de nos libertar-nos das outras coisas, a fim de que possamos abraçá-lo com a totalidade de nós mesmos, e não tenhamos parte alguma que não esteja em contato com Deus" (Plotino, 2002, p.133).

O objetivo de toda a filosofia plotiniana, portanto, é essa reunificação do homem com o Uno. Nunca foi objetivo da filosofia plotiniana a formação de um Estado com determinadas características, ou mesmo, a construção de um sistema filosófico que pretendesse criar um método de como alcançar o conhecimento, e sim, como atesta o próprio neoplatonista, "conjuguar o divino que está em ti, com o divino que está no universo" (Reale, Antiseri, 1990).

Plotino, assim, apresenta uma grande novidade em relação à tradição grega, alegando que esta união com o Uno, o Absoluto, ou seja, a separação do homem daquilo que é material e sensível e unir-se interinamente com o Absoluto, já é possível nesta vida, e não após a morte. Assim, Plotino se assemelha, de algum modo, aos helenísticos, os quais alegavam que a felicidade humana já era possível nesta vida. Contudo, ele revolucionava tal ideia, incrementando que o homem poderia atingir seu objetivo de vida, se separando de tudo aquilo que é material, por meio de sua alma e, por fim, associar-se plenamente ao Uno.

5. O EROS PLATÔNICO COMO CAMINHO PARA O UNO

5.1 EROS: CAMINHO DE UNIDADE

Após discorrermos sobre as características atribuídas por Platão ao Eros, bem como apresentar e desenvolver o tema do Uno em Plotino, é possível elucidarmos como os temas se entrelaçam. Assim, no sistema plotiniano é possível notar uma influência eminentemente platônica, especialmente no que se refere ao Eros, e como este pode ser um caminho para o homem alcançar o principal objetivo de toda a filosofia de Plotino: unir-se ao divino, ao Uno.

O homem, conforme Plotino, é capaz de alcançar o seu *telos* de vida, como atesta Reale (1992, p.349) "são múltiplos os caminhos e retorno ao Absoluto a) o da virtude; b) o da erótica platônica; c) o da dialética". Nota-se que o *telos* do homem, segundo a antropologia plotiniana, é a sua união com o Uno¹⁹, o princípio supremo, e o Eros é umas das vias que o homem pode se servir para atingir esse fim. Tendo em vista que, para Plotino, o homem é essencialmente sua alma, e esta, por sua vez, anseia por

¹⁹ Vale ressaltar que, diferentemente da tradição grega clássica, especialmente em Platão, Plotino atesta que já é possível essa união nesta presente vida, e não após a morte.

contemplar o Bem, isto é, o Uno, logo o homem deve também almejar essa reconjunção com o Uno para ser feliz.

Antes de explicar mais detalhadamente sobre o Eros, faz-se necessário, uma recapitulação da concepção da unidade plotiniana. A unidade das hipóstases (e também dos seres físicos, como o homem) não é dada por si mesma, mas é oriunda da hipóstase a qual precedeu; assim a unidade do homem, vem da Alma, e a unidade desta advém do Nous, e desta, por fim, do próprio Uno. As coisas, deste modo, como analisa Hauschild (2016) possuem como estado natural, a unidade que está sempre “acima” dela. O homem aspira a unidade, e, pelo amor, pode conquistá-la. Ainda Hauschild, atesta:

Por isso, todas as coisas, mais ou menos múltiplas, buscam e desejam sua unidade transcendente. Este impulso fundamental é o amor; a união de todas as coisas inteligíveis, por sua vez, é o conhecimento; e é através da filosofia que as almas, pelo menos as humanas, percorrem o caminho à unidade do intelecto e à contemplação das formas. E é através do amor e da contemplação que o intelecto, tendo em si o conhecimento máximo, se dirige ao uno (Hauschild, 2016, p. 31).

Ora, é pelo Eros que o homem pode almejar a sua unidade, sua união com o Uno. Neste ponto, Plotino, baseando-se no pensamento platônico, apresenta que o amor, presente na alma humana, possui uma gênese divina, isto é, que cada alma, a qual vivifica o homem, possui dentro de si o amor; todavia, este amor não se oriunda do plano terreno, pelo contrário, possui uma natureza divina. Assim, Plotino, a fim de elucidar esta questão, serve-se da concepção de Platão, apresentada pela personagem Pausânias, no *Banquete*, de que Eros não é uno, mas há dois tipos, a saber: um celestial e outro terrestre. Eros é assim dividido, em virtude de que, como nota Platão, no discurso de Diotima, nasceu no mesmo dia da deusa Afrodite, a qual também possui uma dupla natureza.

Todos sabemos que Eros e Afrodite são indissociáveis. Bem, se essa deusa fosse única, Eros seria único; contudo, uma vez que há duas delas, necessariamente há também dois Eros. Será que entre vos paira alguma dúvida de que ela é dupla? Decerto há uma divindade mais antiga, sem mãe, filha de Urano, pelo que chamamos de Urânia (Afrodite celestial); a outra, mais jovem, é filha de Zeus e Dione, e a chamamos de Pandemos (Afrodite comum). Conclui-se que, necessariamente, há um Eros a ser classificado com acerto de comum [...] e outro a ser classificado de celestial” (Platão, 2012, p. 24).

Plotino recorre a tal construção mitológica, para desenvolver seu pensamento, estabelecendo um paralelo entre a Alma, a terceira hipóstase, e a mitologia platônica acerca da deusa Afrodite. Plotino atribui à Afrodite a qualidade de Alma, a qual não é única, e sim de natureza dupla.

Desse modo, a terceira hipóstase, a Alma, não é única, mas sim, múltipla, ou seja, há uma espécie de hierarquia de almas²⁰. A Afrodite Celeste, aquela que é imortal e não se mistura com o que é terreno, corresponde à Alma Suprema, a qual permanece em plena união com o Nous e não se mistura à matéria, tal como esta Afrodite, que como atesta Plotino (2002, p.97) “é a mais divina das almas, pois, tendo nascido diretamente da pura Inteligência, permanece pura e habita no alto”. Logo, Eros é o amor gerado

²⁰ Ou seja, a Alma Suprema; a Alma do Todo; por fim, as Almas particulares.

pela Alma Suprema (Celeste); ele, assim como esta Alma, contempla o Uno, pois foi por ela gerado.

Ao afirmarmos que essa Alma, a primeira a iluminar o céu, é separada [de toda a matéria], também estabelecemos que o Amor, seu filho, é separado [de toda a matéria], pois afirmamos que essa Alma é a alma celeste [uraniana] por excelência. Do mesmo modo que consideramos que o melhor de nós está dentro de nós e tem uma existência separada [da matéria], esse Amor também só pode estar lá no alto, onde está essa Alma pura e sem mistura (Plotino, 2002, p.99).

Igualmente, aplica-se o mesmo pensamento à Alma do Mundo, aquela responsável, no sistema de Hipóstases de Plotino, por ser a criadora do mundo e do cosmos sensível. Há uma outra Afrodite, a terrestre, também denominada como Afrodite Comum, que não é inteiramente pura, haja vista que ela está no mundo e entra em contato com as coisas sensíveis; ela corresponde, por sua vez, a esta Alma do Mundo. Consequentemente, dessa Alma também nasce um outro tipo de Eros²¹, o qual está neste mundo e que, no entanto, deseja as coisas inteligíveis, ou seja, as coisas do alto e, além disso, é responsável por despertar nas almas esse desejo.

É exatamente neste ponto, que Plotino chega a conclusão de que este Eros terrestre se assemelha ao *daimon* identificado por Platão.

Esse amor (Eros) das almas individuais é o *daimôn* que acompanha cada indivíduo. É ele que inspira os desejos que são conformes à natureza de cada Alma e cada Alma gera um amor correspondente ao seu mérito e a sua essência. Portanto, a Alma Universal [celeste] possui um amor universal; e cada uma das almas particulares tem um amor particular. No entanto, como todas as almas particulares estão ligadas à Alma Universal porque não podem existir separadas dela e são contidas por ela, então todas as almas constituem uma só e mesma alma (Plotino, 2002, p.100).

O amor particular, ou seja, o Eros presente em cada alma particular, responsável por vivificar o homem, está ligado a Alma Universal, isto é, ao Eros celestial. Ora, este amor celestial, por sua vez, está ligado a Alma Suprema. Assim, conclui Plotino (2002, p.101) que “Eros conduz cada alma para a natureza do Bem: o Eros da Alma superior é um deus que a une eternamente ao Bem e o da alma mista é um *daimôn*”. O Eros presente na alma humana é desejo, aspiração que desperta o homem para se unir ao Bem Supremo, o Uno.

5.2 EROS: DESEJO PELA BELEZA-EM-SI

A concepção do Eros para Plotino, como já exposto, está indubitavelmente entrelaçada com a visão de Platão, servindo esta de base para a formulação de amor plotiniano. O objeto de amor, segundo Plotino, é o bem, e o bem supremo é o próprio Uno. Assim, o amor é o caminho que conduz o homem ao Uno

Com efeito, a erótica plotiniana é, como a platônica, ligada estreitamente a beleza (Reale, 2012, p.117). Para Plotino, o Eros tem como finalidade a própria beleza, em buscar, ininterruptamente, aquilo que é belo.

²¹ O Eros celestial, como está definido no discurso de Pausânias, no Banquete.

O amor também é busca do belo por influência de Eros, que também nasceu do belo; então, a busca incansável pelo belo também conduz ao divino. O caráter divino do amor o afasta do que é perecível, portanto, da matéria. Como para Platão, o autor acredita que o amor ultrapassa o plano físico, pois este deteriora e o amor está à procura do que é divino, que está naquilo que é imortal, no que é atemporal, assim como a alma. Aqueles que se detêm ao amor do corpo saem do caminho natural dos seres amantes, que é a busca do belo para se perderem em desejos relacionados as paixões sensuais (Plotino, 2015, p. 13).

E, o próprio Plotino, a respeito disso, apoiando-se na mitologia platônica sobre a origem de Eros, confirma:

Então, se diz que ele²² nasceu de Poros e de Penia, na medida em que a privação, o desejo e a reminiscência – provocada pelos princípios racionais (*logoi*) -, estando junto na Alma, produzem esse ato em direção ao Bem, que é o Eros [o Amor] de que falamos. Sua mãe é Penia [a pobreza], pois a aspiração pertence ao que está na privação.[...] Portanto, Eros é, ao mesmo tempo, uma realidade afim à matéria e um daimon produzido pela Alma quando ela se afasta do Bem e aspira por ele (Plotino, 2002, p.111).

O conceito platônico de *scala amoris*, desenvolvida através da personagem do *Banquete*, Diotima, volta à tona em Plotino. Por meio de uma escalada, uma subida, dos degraus mais inferiores até os superiores, o homem pode alcançar o Uno. Da beleza sensível deste mundo, que seria o degrau mais inferior, ou seja, a beleza pertencente a belos corpos, tais como, os homens, as paisagens, os astros, e todo o *Kosmos* sensível, o homem pode, por um processo de contemplação, notar sua beleza; e da beleza particular de cada um, identificar a beleza comum desses corpos, isto é, a beleza que subjaz nestes mesmos corpos. Após esse primeiro processo contemplativo, deve o homem avançar em direção aos belos costumes, às obras da virtude e à beleza da própria alma purificada (Reale, 2012, p.117). Pois, a alma purificada torna-se ela mesma bela, e assim assemelha-se com o Uno, que é o belo por si mesmo e fonte de toda a beleza.

Toda essa visão parece, a princípio, muito inteligível, e pouco material. Contudo, Plotino tinha a plena consciência de que estava lidando com homens deste mundo, seres constituídos de matéria, e não puramente espirituais, embora fosse esse o ideal que almejava para o homem. Por isso, sabia que o belo sensível seria uma ferramenta eficacíssima para ser utilizada pelo homem.

[...] para Plotino, o primeiro contato com as verdades da alma pródiga ocupada com o mundo sensível, aquele que a desperta em sua busca consciente pelas verdades transcendentais, é a experiência com o belo sensível; seu raciocínio a levará pelas elucubrações da filosofia, que por sua vez é segundo o filósofo o caminho aos deuses. Contemplando, a alma ao mesmo tempo delibera, sem perder seu objeto de “vista”, um objeto que, embora inteligível, não pode ser sensível por definição. O belo é desejável, um objeto belo atrai o sujeito que vê, que passa a ter consciência do seu amor pelo primeiro. A deliberação deve intervir com vistas a orientar esta consciência que ama, revelá-la o verdadeiro objeto amado, começando por indagar a origem do belo nas coisas belas, a natureza dos objetos belos sensíveis e do belo em si mesmo, e assim por diante. (Hauschild, 2016, p. 37).

²² Eros.

Plotino recorre, a fim de reforçar seu pensamento, ao mito dos *andróginos*, desenvolvido por Aristófanes, no Banquete. Como foi retratado no mito, homem e mulher possuem um desejo de estabelecer sua integridade, vale dizer, sua unidade, e Eros é justamente esse desejo que possui o homem de reestabelecer tal unidade primordial perdida. Contudo, para Plotino, esse mito não explicaria somente o desejo humano por sua correspondência afetiva, mas também o de todas as outras coisas do universo, isto é, do cosmos sensível, por restabelecer uma determinada unidade, haja vista que a matéria, em Plotino, está sempre fragmentada e dividida.

Dessa maneira, concluímos que os elementos do Eros, desenvolvidos por Platão ao longo de sua obra *O Banquete*, estão nitidamente presentes na metafísica de Plotino, especificamente na sua busca de unir o homem ao divino. Em primeiro lugar, nota-se tal fenômeno, recorrendo a dupla natureza de Eros, um celestial e outro terrestre, apresentada por Pausânias²³, Plotino explica que o Eros presente na alma humana possui origem divina, sendo assim aquele Eros celestial definido pela personagem. Além disso, outro ponto que se fundem as doutrinas, é quanto ao objeto de Eros: Platão dissera que Eros deseja aquilo que é belo, e Plotino, enriquecendo tal pensamento, sustenta que Eros deseja não somente aquilo que é belo, mas aquilo que traz unidade, isto é, Eros deseja o Uno. O homem, desse modo, seguido aquela *scala amoris*, ou seja, escada de amor, contemplando a beleza sensível, pode alcançar aquele que é belo e completo por si mesmo, o princípio de todas as coisas: o Uno.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise para concatenar ambos os assuntos, haja vista o grau eminentemente metafísico e especulativo que os textos carregam consigo, especialmente o tema das hipóstases, é exigente. Contudo, após uma leitura atenta dos escritos plotinianos e platônicos, é possível extrair uma sabedoria exuberante do legado filosófico que deixaram à tradição filosófica. Nota-se, constantemente, a ânsia de Plotino em ver o homem, não mais atrelado às preocupações do mundo, mas sim, cada vez mais, associado aquilo que é divino, absoluto e imaterial.

Diante de tudo que foi exposto, é possível concluir que toda a filosofia de Plotino foi orientada nessa busca pela contemplação do Uno. Não tinha pretensões políticas, muitos menos sociais, com suas investigações filosóficas; pelo contrário, desejava iluminar a estrada que o homem poderia percorrer a fim de se desprender do material e, conseqüentemente, unir-se ao imaterial. Um dos meios, portanto, que encontrou para atingir tal finalidade foi o amor, tema amplamente debatido por Platão, o qual inspirou profundamente o pensamento do neoplatônico.

O homem é um ser fragmentado internamente, isto é, não possui uma unidade e, conseqüentemente, deseja estabelecê-la. Resulta-se daqui a necessidade humana pelo divino, por aquilo que o transcende, por aquilo que não se encontra

²³ Personagem de *O Banquete*.

fragmentando, mas sim, em plena unidade. O amor é esse desejo por essa união, uma busca por estabelecer uma certa unidade interior. Plotino, certamente, soube muito bem compreender essa necessidade do coração humano, utilizando o elemento do amor como via para algo superior, ou seja, para o Uno. Sobre isso, sustenta Hauschild:

Pelo fato de todas as multiplicidades, em cada um dos estágios e hipóstases, serem apenas reflexos de uma unidade essencial que todas elas possuem no princípio superior, e pelo fato de que o ente múltiplo se define por carecer dessa unidade, que é sua essência, todas as coisas múltiplas desejam o todo e cada uma das coisas contidas neste todo. Esse fenômeno é o amor, que para Plotino não se reduz a um sentimento subjetivo, mas é ele uma realidade que contém tanta “substancialidade” quanto qualquer coisa; por sua vez, é uma realidade tanto quanto ou ainda mais fundamental que o próprio ser, na medida em que não se esgota no ser e o supera ao se constituir pela tendência das formas ao uno, ou também: a contemplação (Hauschild, p. 41, 2016).

Contudo, há uma certa divergência entre os comentadores de Plotino, no que se refere a essa união do homem com o Uno. Uns alegam que essa união poderia ocorrer em vida, enquanto, por outro lado, assumem a posição de essa união somente após a morte. A questão é complexa e, por isso, pode ser amplamente debatida em estudos posteriores.

Por fim, o estudo possibilitou uma maior compreensão desse caminho do Eros, que pode ser trilhado pelo homem no intuito de alcançar o divino. O coração do homem sempre é desejoso de algo e sente-se carente de algo que o forneça plenitude. Nesse viés, somente Deus é aquele que o pode saciar, e o caminho do amor é indispensável para que ele encontre sua unidade de vida.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1992.

AZEVEDO, Maria Thereza Schiappa. **Amor, amizade e filosofia em Platão**. Coimbra, Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8336.pdf> Acesso em: 03/09/2024

BARACAT, J. **Plotino, Enéada III. 8 [30]: Sobre a Natureza, a Contemplação e o Uno**. Introdução, tradução e comentário. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001

HAUSCHILD, Álvaro. **O Caminho Para o Uno em Plotino**. 2016. 52 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/155986>. Acesso em: 05 set. 2024.

JAEGER, Werner. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Tradução: Artur M. Parreira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LOPES, Poliana Tomazi Vieira. **Agathon (Bem), Daimon (Amor), Kalos (Belo):** uma interpretação fenomenológica dos conceitos do Banquete de Platão. 2017. 189 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2017. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3906>. Acesso em: 29 out. 2015.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução: Bini E. São Paulo: Edipro, 2012

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução: Bini E. São Paulo: Edipro, 2012.

PLOTINO. **Do amor: Enéada III.5**. Tradução: Silva M.A.O 1.ed. São Paulo: Edipro, 2015

PLOTINO. **Tratado das Eneadas**. Tradução: Américo Sommerman. 2.ed. São Paulo: Polar Editorial, 2002.

PORFÍRIO. **Vida de Plotino**. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2020.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média v.1**. São Paulo: Paulus, 1990.

REALE, Giovanni. **Plotino e Neoplatonismo**. Tradução: Vaz, H.C.L. 3.ed. v.8. São Paulo: Edições Loyola, 2014

REBALDE, João. **Introdução ao Estudo de Plotino: Uma Leitura das Enéadas**. Porto: Edições Afrontamento, 2023

SILVA, Tiago do Rosário. **Sobre Eros na filosofia de Platão: Quatro discursos sobre Amor**. 2022. 189 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26677?locale=pt_BR. Acesso em: 30/10/24.

